IVES Technical Reviews
vinha & vinho

https://doi.org/10.20870/IVES-TR.2024.8028

Tendências vitivinícolas na Austrália: *Insights* de um novo banco de dados

Kym Anderson[1, 2, 3], German Puga[1, 3]

[1] School of Economics and Public Policy, University of Adelaide, Adelaide, Australia
[2] Crawford School of Public Policy, Australian National University, Canberra, Australia
[3] Wine Economics Research Centre, University of Adelaide, Adelaide, Australia

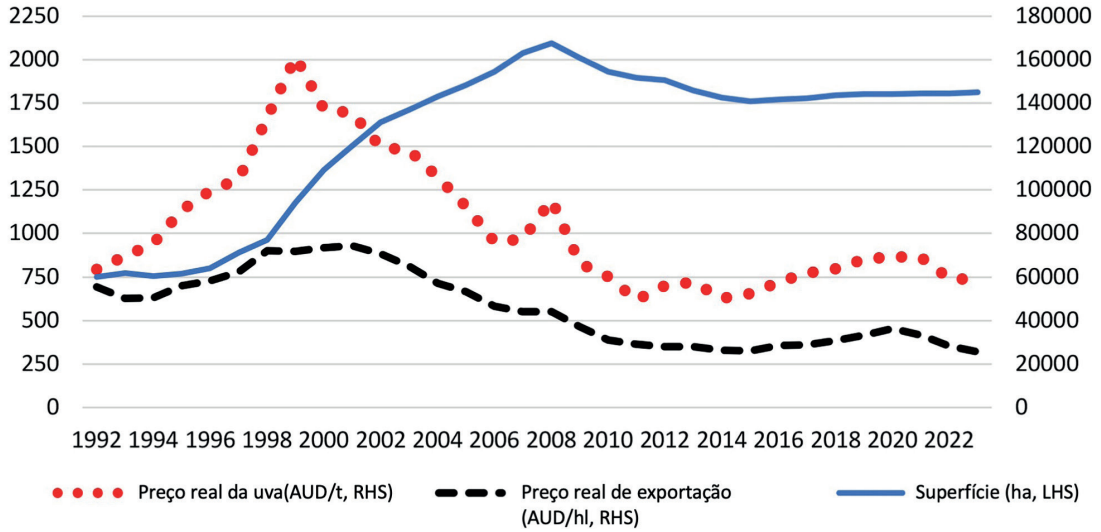
Este artigo resume e atualiza um artigo publicado originalmente como Anderson e Puga (2023a)[1]. O objetivo desta nota é resumir os principais insights anuais de um banco de dados, recentemente compilados e atualizados, sobre a produção vitivinícola na Austrália[2]. Esta base de dados, com as suas 189 tabelas, está disponível gratuitamente no site do Wine Economics Research Centre da Universidade de Adelaide (para uma análise mais extensa e uma descrição detalhada dos pressupostos por detrás desta base de dados, ver Anderson e Puga, 2023a[1]).

A indústria vitivinícola australiana teve quatro ciclos, e está atualmente no seu quinto ciclo[3]. O ciclo atual começou no final da década de 1980 e viu a superfície da produção vitivinícola do país subir na década de 1990, o que foi uma reação tardia ao aumento dos preços das uvas (Figura 1). No entanto, as adegas lutaram para expandir os mercados de exportação com rapidez suficiente, e os preços de exportação começaram a descer, também devido a uma grande valorização do AUD (Dólar Australiano) na década de 2000, graças ao rápido crescimento das exportações de minerais para a China. Isto levou a um declínio tardio e modesto da superfície de 2008 a 2015, antes de estabilizar, à medida que os preços começaram a subir novamente. Mas em 2020, a China impôs tarifas sólidas sobre as importações de vinho australiano e seu mercado diminuiu[4], o que reduziu os preços novamente (especialmente para tintos).

Embora existam atualmente mais de 180 castas de uvas para produção de vinho a serem desenvolvidas na Austrália, a maior parte da superfície do país é plantada com algumas castas francesas importantes. Apenas nove castas têm uma superfície superior a 1%: Syrah (30%), Cabernet Sauvignon (18%), Chardonnay (15%), Merlot (6%), Sauvignon Blanc e Pinot Noir (4% cada), Pinot Gris e Sémillon (3% cada) e Riesling (2%). Juntas, estas nove castas representam 86% da superfície de produção dos vinhedos australianos, em 2023.

Esta concentração de castas francesas nem sempre ocorreu (Figura 2). Na década de 1950/ início da década de 1960, a percentagem originária de Espanha era superior a 40%, enquanto a percentagem francesa não era superior à da Grécia, com pouco menos de 20%, seguindo-se a Turquia, com cerca de 10%. Mas a percentagem de algumas castas, como a Garnacha Tinta, de Espanha, e a Sultaniye, da Turquia, diminuiu bastante. Ao mesmo tempo, a percentagem de algumas castas francesas aumentou de tal forma que, atualmente, mais de 90% da superfície vitivinícola australiana está cultivada com castas francesas.

Este grau de concentração também é evidente quando se olha para o índice de concentração varietal[5]. Em 2001, era de 12%, o que significa que, se dois blocos vitícolas fossem selecionados aleatoriamente na Austrália em 2001, havia uma probabilidade de 12% de terem a mesma casta. Em 2023, o índice de concentração varietal subiu para 16%. Ou seja, a mistura de variedades de uvas para produção de vinho tornou-se um terço mais concentrada nas



A tradução deste artigo para português foi-lhe oferecida pela Sogrape. Consulte https://sogrape.com/pt/sustentabilidade

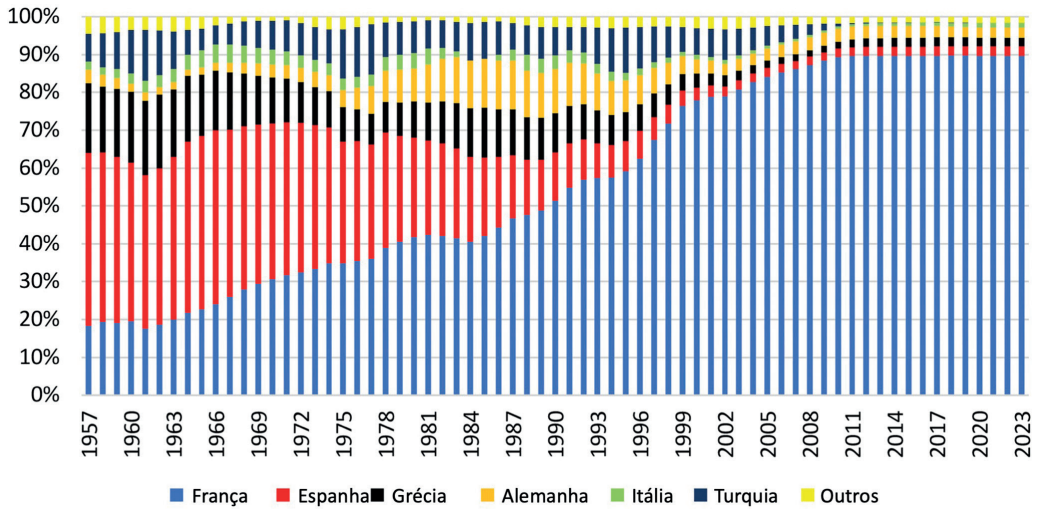


FIGURA 2. Superfície vitivinícola na Austrália com base no país de origem das castas, 1956 a 2023.

últimas duas décadas. Outro índice, conhecido como índice de similaridade varietal, mostra que, no mesmo período, o conjunto australiano de catas de uvas para produção vinho se tornou mais semelhante à do resto do mundo em geral (e à de França).

A indústria vinícola australiana além de ter concentradas poucas castas de uvas, também está concentrada em poucas regiões. Embora existam mais de 60 regiões vinícolas na Austrália, até dois terços dos vinhos são produzidos maioritariamente em apenas três grandes regiões quentes irrigadas. Com uma percentagem tão grande da produção vitivinícola a ocorrer em regiões quentes, apenas um pouco mais de um terço da superfície do vinhedo tem uma temperatura ideal para produzir vinho de alta qualidade (com base na pesquisa de Jones, 2006)[6]. Até 2050, as projeções relativas às alterações climáticas sugerem que a percentagem da superfície vitícola com uma temperatura ideal para o período de crescimento vegetativo para a produção de vinho de alta qualidade, pode diminuir para 10-15% se a superfície por região e a casta não se alterarem[7].

No futuro, uma estratégia para manter os estilos de vinho pode ser plantar castas que se dão melhor em climas mais quentes. No entanto, e apesar da elevada atenção dos meios de comunicação social sobre castas alternativas, estas representam apenas uma pequena fração da superfície de vinhedos australianos[8]. Outra estratégia para manter os estilos de vinho poderia ser a obtenção de uvas de regiões com climas mais frios, como a Tasmânia. Esta região/ estado tem preços de uvas para produção de vinho e receitas brutas por hectare, mais altos do que qualquer outra região na Austrália, e é a única região e estado em que a receita bruta por hectare tem vindo a aumentar nos últimos anos. No entanto, embora a sua superfície tenha triplicado nas últimas duas décadas, representa atualmente apenas 1% da atual superfície de produção vitivinícola da Austrália. ■

Extraído do artigo de investigação "Two Decades of Grape Variety Trends in Australian Wine Regions" (Wine and Viticulture Journal, 2023).

1 Anderson, K. & Puga, G. (2023a). Two Decades of Grape Variety Trends in Australian Wine Regions. *Wine and Viticulture Journal 38*(2): 65-72. Freely available as a wine brief at www.adelaide.edu.au/wine-econ/publications. https://economics.adelaide.edu.au/wine-economics/ua/media/155/winebrief37.pdf

2 Anderson, K. & Puga, G. (2023a). *Database of Australian Winegrape Vine Area, Crush, Price and Per Hectare Volume and Value of Production, by Region and Variety, 1956 to 2023*. Wine Economics Research Centre, University of Adelaide, December. Freely available Excel file at www.adelaide.edu.au/wine-econ/databases.

3 Anderson, K. (2015). *Growth and Cycles in Australia's Wine Industry: A Statistical Compendium, 1843 to 2013*. (with the assistance of N.R. Aryal). Adelaide: University of Adelaide Press. Freely available e-book at www.adelaide.edu.au/wine-econ/databases. https://doi.org/10.20851/austwine

4 Anderson, K. (2023). "What's Happened to the Wine Market in China?". *Journal of Wine Economics 18*(2): 173-183. https://doi.org/10.1017/jwe.2023.16

5 Puga, G. & Anderson, K. (2023). Concentrations and Similarities across Countries in the Mix of Winegrape Cultivars. *American Journal of Enology and Viticulture 74*(1): 0740018. https://doi.org/10.5344/ajev.2023.22067

6 Jones, G.V. (2006). *Climate and Terroir: Impacts of Climate Variability and Change on Wine*. In Fine Wine and Terroir: The Geoscience Perspective, edited by R.W. Macqueen and L.D. Meinert, Geoscience Canada Reprint Series Number 9, Geological Association of Canada, St. John's, Newfoundland.

7 Jones, G.V. (2006). *Climate and Terroir: Impacts of Climate Variability and Change on Wine*. In Fine Wine and Terroir: The Geoscience Perspective, edited by R.W. Macqueen and L.D. Meinert, Geoscience Canada Reprint Series Number 9, Geological Association of Canada, St. John's, Newfoundland.

8 Anderson, K. & Puga, G. (2024). Which are Australia's Emerging Winegrape Varieties? *Wine and Viticulture Journal 39*(2) (forthcoming). Freely available as a wine brief at www.adelaide.edu.au/wine-econ/publications.

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.